

---

# ORÍGENES E A CATEQUESE

---

## EM ALEXANDRIA: MARTÍRIOS

---

### E PERSEGUIÇÕES\*

---



---

Sidnei Francisco do Nascimento\*\*

**Resumo:** *o panorama histórico, político, cultural e religioso da cidade de Alexandria, considerada a grande metrópole mediterrânea do mundo antigo, estava em plena efervescência com martírios e perseguições impetrados pelo Império Romano para manter a hegemonia política, a religião, os valores e a tradição. Mesmo sob o controle do Estado romano, a formação cultural e religiosa de Orígenes e sua participação como responsável pela Escola de Catequese ou didaskaleo em Alexandria contribuíram para a propagação do cristianismo.*

**Palavras-chave:** *Orígenes. Escola de Catequese. Cristianismo. Alexandria. Império Romano.*

Quid enim nostri similius quam ipsa imago?  
Ergo cum doctus doctum amat [...],  
nihil aliud amat uterque, quam suam ipsius  
in altero imaginem, hoc est seipsum, sed alio modo<sup>1</sup>.  
(Erasme, De ratione studii).

**O** rígenes defendeu uma concepção de cristianismo sem pragmatismos, sem preconceitos, ao mesmo tempo erudito e popular, espiritual e liberal, respondendo aos questionamentos e às exigências de sua época. Como homem de letras e

---

\* Recebido em: 02.07.2021. Aprovado em: 20.08.2021.

\*\* Doutor, Mestre e Bacharel em Filosofia (PUC-SP), com pós-doutorado em Filosofia (PUC-SP/ Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano - Itália). Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuando na área de Filosofia (graduação e pós-graduação). *E-mail:* sidneifn@bol.com.br.

teólogo vivenciou um complexo e multifacetado mundo ideológico, cultural e religioso. Como grande expoente do cristianismo, fez muitas amizades, mas, devido ao caráter revolucionário de suas ideias e à consequente notoriedade de suas obras, sofreu hostilidades, em muitas ocasiões, motivadas pela inveja.

O panorama histórico, político, cultural e religioso da cidade de Alexandria, considerada a grande metrópole mediterrânea do mundo antigo, estava em plena efervescência com martírios e perseguições impetrados pelo império romano para manter a hegemonia política, a religião, os valores e a tradição. Mesmo sob o controle do Estado romano, a formação cultural e religiosa de Orígenes e sua participação, como responsável pela Escola de Catequese ou didaskaleo em Alexandria, contribuíram para a propagação do cristianismo. Os ventos do cristianismo soprados de Jerusalém chegavam a Alexandria de maneira decisiva.

Orígenes Adamantius recebeu esse sobrenome para celebrar sua resistência à fadiga ou quando se compara seu pensamento ao brilho e à firmeza do aço. Os sobrenomes eram muito frequentes nos círculos até o início do século III d.C. A origem do sobrenome dado a Orígenes permanece obscura. No entanto, lhe fora atribuído desde sua infância, talvez devido à energia de seu caráter e seu ardor no trabalho. Seu nome parecia indicar que pertenceu à burguesia ‘greco-egípcia’, que começava a adquirir influência. Nasceu em Alexandria em 185. Seu Pai Leônidas teve grande importância para a formação intelectual e religiosa do filho, pois era um cristão instruído e um intelectual que possuía uma biblioteca de livros antigos. O preceptorado do pai e o martírio muito comum em sua juventude, devido ao conflito entre o império e o cristianismo, lhe forneceram a oportunidade de preparar seus discípulos ao sacrifício e, ao mesmo tempo, ao batismo. Orígenes assistiu aos martírios, vivenciou o perigo da morte, praticou as mais duras ascetes, reconheceu a hostilidade dos heréticos e vivenciou o prestígio dos célebres defensores da mensagem cristã. Experiências determinantes para sua formação intelectual e religiosa.

## O PRECEPTORADO E A FORMAÇÃO RELIGIOSA E INTELECTUAL DE ORÍGENES

No livro VI de sua História Eclesiástica, Eusébio de Cesareia, grande admirador de Orígenes, relata o respeito e admiração que seu pai tinha por essa alma juvenil, ardente e plena de promessas.

*E com efeito ele (Orígenes) tinha jogado fundamentos sólidos dentro das ciências da fé, exercitando-se desde sua infância com as Escrituras: ele foi laboriosamente aplicado, e não de maneira ordinária, pois, seu pai, não contente de o fazer passar pelo ciclo dos estudos, não olhava como acessório a preocupação*

*com as Escrituras. E mesmo assim, antes de tudo, ele entregava seu cuidado às disciplinas helênicas, que o conduzia a se exercitar nos estudos sagrados, exigindo-lhe a cada dia declamações e relatórios. E tudo isso não era desagradável ao menino que, ao contrário, trabalhava com zelo excessivo, de tal sorte que não lhe era suficiente conhecer o sentido simples e óbvio das Escrituras Sagradas, já que procurava, desde então, qualquer coisa a mais, querendo descobrir as vias mais profundas. Ele se embaraçava ao seu pai lhe pedindo o que lhe indicaria o desejo da Escritura divinamente inspirada (CÉSARÉE, LIVRO VI, VI).*

Devemos salientar que Orígenes, graças à coletânea de dados biográficos fornecidos pelas pesquisas de Eusébio, se tornou um dos homens mais célebres e conhecidos da antiguidade cristã. Segundo seus relatos, Leônidas agradecia a Deus por ter agraciado sua família e lhe ter abençoado com uma criança com tanto ardor pelos estudos. Quando chegava a noite, enquanto seu filho dormia, Leônidas se aproximava com cuidado e o beijava com ternura e respeito. Apesar da convivência e amor recíproco, o martírio de seu pai não o fez esmorecer: muito pelo contrário, Orígenes lhe escreveu uma carta para que, ainda na prisão, não se deixasse abater pela tortura. O filho recomendava ao pai: “Preste atenção e não mude de decisão pensando em nós” (CÉSARÉE, LIVRO VI, II). Sob o império de Sétimo Severo as perseguições aconteciam com grande violência no intuito de impedir a propaganda da religião cristã.

Diante de tanta diversidade, para manter a ordem, os imperadores vitimavam os seus mártires numa sociedade cada vez mais estratificada. Orígenes nasceu nesse período conturbado, e não passaria ileso. Seu pai fora perseguido e morto, seus bens confiscados, teve de trabalhar para prover sua família, e para demonstrar sua completa adesão à fé cristã “chegou a acreditar que a própria castração seria sinônimo de verdadeira ascese, como prova de um coração inexperiente e juvenil” (CÉSARÉE, LIVRO VI, VIII). Como uma cidade cosmopolita e portuária, Alexandria fora o lugar onde conviveram romanos, gregos, árabes e judeus. Numa cidade com povos tão diferentes, com intensas transformações, os radicalismos estavam presentes em toda parte e, conseqüentemente, a luta pela representatividade política e religiosa acontecia dentro e fora do cristianismo, isto é, além dos embates com o papa Demétrios e com Roma para manter a ordem em Alexandria, Orígenes teria de aceitar, embora com resistência, o processo de institucionalização e burocratização em vias de um cristianismo que iria se tornar a religião oficial do Estado romano.

Como consequência do confisco dos bens que acompanhava a pena capital à qual seu pai fora submetido, sua família numerosa se encontrava sem recursos. “Orígenes era o filho mais velho numa família de sete irmãos financeiramente estável, que possuía certo patrimônio” (CÉSARÉE, LIVRO VI, II). Diante dos

infortúnios e de relativa calma entre 203 e 206, sob a prefeitura de Cláudio Juliano, o alexandrino aceitou o preceptorado de uma cristã rica e aproveitou a instrução que seu pai lhe tinha dado para conduzir o estudo das letras, conforme tudo o que aprendera em Alexandria. “Em breve se tornaria mestre de gramática, e assim teve condições de prover largamente suas necessidades e o provento de sua família” (CÉSARÉE, LIVRO VI, II). Entre 206 e 207 Orígenes vivenciou um período de grande ascese. O alexandrino sustentava que não havia fronteiras entre a contemplação e a ação: para ele a prática religiosa não era senão a ascese mais íntima que se constituía na ciência religiosa, na interpretação das passagens misteriosas da bíblia e numa teologia como resultado; conseqüentemente, todas as coisas que se adquirem com muita pena e que não são méritos senão pela virtude.

#### A POLÍTICA IMPERIAL DE ROMA: PERÍODOS DE HOSTILIDADES EM RELAÇÃO AO CRISTIANISMO

Até os meados de 200 d.C. os contrastes não faltavam a uma política imperial praticada em relação ao cristianismo. A paz reencontrada pela Igreja depois da morte de Sétimo Severo permitia a Orígenes trabalhar em paz. No entanto, algum tempo depois, o alexandrino testemunhava a sua pátria Alexandria ser dizimada e aterrorizada pelo massacre impetrado por Antônio Caracalla (215-216). Orígenes se distancia de sua pátria e vai para a Síria, onde deu conferência em Cesareia, lugar em que conheceu uma nova liberdade e fez novas amizades que o encorajavam a desenvolver sua doutrina. Contrariamente a Crouzel (1962), que preferiu os anos de 214-215 para a viagem de Orígenes à Arábia a pedido do governador, Jakab (2001, p. 164) dividia a sugestão com P. Nautin “para propor a segunda metade dos anos 220, sob o reino de Alexandre Severo”.

As perseguições que os cristãos vivenciaram ainda enquanto Orígenes era apenas um jovem de 17 anos o auxiliaram, por outro lado, a formar uma representação do cristianismo como um combate, um esforço da livre vontade esclarecida pela fé. O martírio de seu pai e de todos aqueles que se convertiam ao cristianismo fez com que Orígenes os acompanhasse até o momento da execução. O jovem discípulo, que frequentava as aulas de Clemente de Alexandria, ambos ligados a uma concepção comunitária de cristianismo e às suas exigências morais e espirituais, começava sua obra de catequista e escritor pela exortação ao martírio.

Eusébio de Cesareia nos relata que foram sete os vitimados pelo martírio, discípulos de Orígenes: Plutarco, Serenus, Héraclide, Héron, Herais, Basílio e, por último, “a mais célebre mártir de Alexandria, Potomiene, consumida pelo fogo juntamente com sua mãe” (CÉSARÉE, LIVRO VI, VI). Essa coragem diante da morte manifestava sua inclinação à filosofia platônica (apesar das diferenças

entre o cristianismo e o platonismo) quanto à convicção de que o corpo fosse a prisão da alma. Lembramos a filosofia socrática quando observamos que, para o alexandrino, a morte física não amedrontava, pois ele tinha fé e a certeza de que “... não é a morte que separa o corpo da alma, mas a que separa a alma de Deus” (ORIGENE, 1985, LIVRO VI, VI).

Era praticamente impossível que Alexandria, a grande metrópole mediterrânea, capital espiritual do oriente helenizado, continuasse insensível à mensagem que, desde o I século de nossa era, se expandia de Jerusalém através do Mediterrâneo. No entanto, alguns episódios marcaram indelevelmente o declínio e o fim do judaísmo alexandrino. Para tanto, sublinhamos três momentos de queda, de relativa ascensão e do desaparecimento dos judeus do Egito e de Alexandria. Primeiro, um incidente trágico que eclode em 66 de nossa era com a grande revolta na metrópole mediterrânea. No momento em que os judeus, dentro de um anfiteatro, se misturavam aos alexandrinos para debater sobre a embaixada que iriam enviar a Nero, perceberam que a intenção dos gregos era de queimá-los vivos: imediatamente se insurgiram, mas foram debelados pelos soldados romanos, sob o comando do prefeito Tibério Júlio Alexandre. Rebelião que, segundo Attila Jakab, deixou quase 50.000 vítimas.

O outro incidente aconteceu com a destruição do templo de Jerusalém por volta dos anos 70 de nossa era e a conseqüente introdução do *fiscus judaicus*, imposto que concernia a todos os judeus do império, o qual paradoxalmente favoreceu a emergência de uma entidade étnica porque resultou na coesão social, cultural e política da comunidade judaica. E por último, o massacre dos judeus sob o império de Trajano em 117 d.C.: “eles parecerão quase inexistentes, durante muito tempo, na grande metrópole mediterrânea” (JAKAB, 2001, p. 34). Mesmo assim, o cristianismo, esse novo movimento espiritual originário da Palestina, sucumbiu, conviveu e sobreviveu às guerras e lutas, entre romanos, judeus, gregos e egípcios em Alexandria.

Os relatos de Eusébio, referentes aos primeiros mestres, fundadores da Escola de Catequese em Alexandria, são difíceis de organizar devido às interpolações de Rufino. Eusébio narra no capítulo VI, III, 3 que Orígenes tinha apenas dezoito anos quando preside a Escola de catequese, nomeado pelo bispo Demétrios, por volta de 202-203, que teria tido como sucessor Héraclas, que, por sua vez, teria deixado a direção da escola para ser elevado ao episcopado depois de Demétrios. No entanto, no capítulo VI, VI, Eusébio, conduzido pelas narrativas de Rufino, nos diz o contrário, que foi Clemente de Alexandria, sucessor de Panteno, e não Orígenes, o primeiro a dirigir a Escola de Catequese, e que este último teria sido um dos seus discípulos. Na opinião de Cadiou (1935, p. 7), esses acontecimentos seriam pouco prováveis, pois, “não seria absolutamente certo que Clemente de Alexandria tivesse sido mestre de Orígenes”.

## A ESCOLA DE CATEQUESE EM ALEXANDRIA

Querelas a respeito de sua fundação à parte, o fato é que a Escola de Alexandria implicava um didaskaleion, isto é, um ensinamento organizado; um trabalho teológico definido a partir das obras dos doutores alexandrinos e suas intervenções nos debates doutrinários até os séculos IV-V. Esse método de ensino estava consequentemente vinculado à palavra catequese, isto é, *katéchēin*, que visava uma instrução de tipo popular e elementar de viva voz. Por esse motivo é fácil perceber a relação entre o catequista e o predador. Não por acaso que a grande fascinação de Erasmo de Rotterdam por Orígenes era a sua atividade de pregador e de gramático, que incluirá os conhecimentos de retórica e exegese. As primeiras impressões que o alexandrino causara aos catecúmenos eram uma mistura de fascinação e reserva. Seus comentários espirituais deveriam ser mais prudentes. Seria necessário que ele percebesse o perigo que representava seu entusiasmo desmedido pela filosofia grega para interpretar a Bíblia. A escola de catequese ou *Tês Katéchéseôs didaskaleion* não estava alheia ao cosmopolitismo de Alexandria e aos consequentes intercâmbios entre diferentes povos e culturas sob os mais variados matizes que se concentravam nesse grande centro intelectual do mundo antigo. Como resultado do cruzamento sócio-étnico-religioso entre as mais variadas culturas, a Escola de Catequese deveria se manter cautelosa em dois aspectos: a reserva diante dos mistérios e uma tradição certa.

Apesar de todas as ressalvas que se poderiam fazer à mística de Orígenes, é absolutamente certo que sempre foi fiel à Igreja e gostaria de ser declarado como tal pelos homens, apesar das acusações que pesavam contra ele, tais como: a influência do platonismo; a excessiva alegorização do texto bíblico; a opinião de que existem passagens obscuras na Bíblia; sua concepção referente ao livre-arbítrio e ao restabelecimento do inferno e da pena sem fim. Devemos reconhecer que ele foi um racionalista, mas também um cristão.

A natureza dos bens se encontra entre o que depende de nossa livre escolha: quem aceita a passagem sobre o julgamento concordará sem hesitar. Pois o que é bem-dito nesta passagem, a propósito do bom e fiel servidor: em poucas coisas tu tens sido fiel, sobre muitas eu te demonstrarei. Faça parte da alegria de teu Senhor. (Mt. 25,21) O bem é o que é produzido pelo homem bom a partir de seu coração, como disse o Senhor: O homem bom, a partir do bom tesouro de seu coração produz o que é o bem. (Lc. 6,45) Em regra geral, todo fruto de uma boa árvore, se depende de nossa livre escolha é um bem: assim, o amor, a paz, a alegria, a paciência, a servilidade, a bondade, a doçura e o controle de si (Gl.5,22-23). O que lhe é contrário é um mal (ORIGÈNE, 1976, p. 237). O seu sentido místico e a importância que atribuía à aplicação moral que extraía da in-

terpretação que fazia dos Livros Sagrados se confundiam com uma meditação plena de audácia. Orígenes reconhecia a filosofia exemplarista de Platão, mas, com algumas reservas, “sobretudo no que diz respeito à graça de Deus como um dom voluntário da bondade divina” (CROUZEL, 1962, p. 55). A crítica de seu tempo o acusava de uma ambiguidade que lhe permitiria continuar grego, apesar da Bíblia. Em Alexandria a ciência da escola foi associada ao magistério do episcopado e à teologia nascente adaptada à comunidade dos fiéis. O dedascaleo deixava aos poucos de ser uma comunidade de fiéis e passava a se preocupar em formar o sacerdócio. Segundo Orígenes, o espiritual deveria sem dúvida continuar a ser o depositário dos poderes sacerdotais, e por esse motivo acreditava que os privilégios espirituais deveriam ser opostos à autoridade religiosa, sobretudo dentro de uma vila turbulenta, a depender dos pecadores os mais diversos.

Segundo Cadiou (1935, p. 382), em seu texto *La jeunesse d’Origène*, a Escola de Alexandria possuía as cores da Reforma, e “Lutero tinha sido muito ingrato condenando Orígenes com seu desprezo e aversão pelas suas alegorias”. Assim, o cristianismo surgia como um movimento em plena evolução, dinâmico, muito intelectual, com aspectos espirituais variados. No início o movimento possuía uma sensibilidade espiritual e religiosa sem burocracia funcional, nem ritualismo de deveres religiosos; momento em que Orígenes criticava aqueles padres que se compraziam com os bens materiais. Mas, na medida em que a cidade de Alexandria se desenvolve e as diferenças sociais se intensificam, a sociedade se torna mais complexa. A escola, que nos seus primeiros tempos prezava pela comunidade cristã, aos poucos caminhava para a burocratização, isto é, para a institucionalização, a sacerdotalização (função dos ministérios), e fomentava a diferença entre o sagrado e o profano.

Quando Orígenes comentou a passagem 11,13-15 da Epístola aos Romanos, já se mostrava reticente quanto ao ministério da Igreja, ou seja, quanto aos presbíteros, aos diáconos, ao sacerdócio e ao bispo. Ele observava que a hierarquia eclesial que já aparecia em sua época ainda de modo incipiente começava a se constituir ao contrário do que era, isto é, como comunidade cristã.

*Porém, honra e ilumina o próprio ministério quem o executa bem, como o contrário, o desonra e o rende reprovável quem o executou com injúria e indignidade. Por exemplo, no ministério da igreja, “o diácono – diz – que o haverá executado bem, quem possui elevada dignidade e grande confiança na fé em Jesus Cristo” (Tm 3,13). Se ao contrário, quem não executou bem, não se mostrará tal como descreve o apóstolo: sério, sem falsidade, moderado no uso do vinho, não desejoso de um ganho desonesto, mas possuidor do mistério da fé com consciência pura (Tm 3,8-9), pois assim se adquire não mais uma elevada dignidade, mas*

*uma grave punição como quem faz um insulto ao ministério divino (ORIGENE, 1985, livro VIII).*

Os alunos que frequentavam as aulas de catequese advinham de classes sociais distintas e procuravam a escola por razões muito particulares. Havia os desocupados em busca de ocupação, os ricos que queriam se distrair em seus prazeres, os heréticos à procura de verdade, e os simples fiéis que desdenhavam a escola, pois duvidavam do ensinamento muito elevado. Nem todos eram cristãos, pois, embora advindos de um sincretismo ardente e confuso, respeitoso e ainda curioso a respeito das iniciações e revelações, no entanto, se mantinham estranhamente hesitantes e superficiais com relação às aulas ministradas pelos professores. Apesar das dificuldades inerentes a uma proposta pedagógica, intelectual e religiosa diante de um público tão diversificado, havia outra discussão interna referente à condução do liceu. Sabe-se que a Escola de Alexandria fora conhecida principalmente pela liberdade espiritual que favorecia o método alegórico em detrimento do método literal. Assim, não era de se estranhar que o alexandrino se opusesse ao bispo Demétrio, então dignitário eclesiástico que, depois de Orígenes, assumira a direção da Escola Catequética, com sua vontade de espiritualizar uma realidade em pleno desenvolvimento pragmático.

*Se queremos compreender o lugar da interpretação espiritual nos primeiros séculos cristãos, é necessário lembrar que ela está diretamente associada com os mais importantes problemas que são apresentados ao cristianismo de então, a saber, a significação a atribuir ao Antigo Testamento (DANIELOU, 1948, p. 146).*

O bispo Demétrio finalmente alcançou seu objetivo e conseguiu manter Orígenes fora de Alexandria com as acusações de ter feito homilia na Palestina frente aos bispos e depois de ter estudado a doutrina dos heréticos e filósofos. Mas o que os opunha de fato eram as concepções contrárias à comunidade cristã. A visão mais espiritual de Orígenes não tinha nenhuma chance face ao pragmatismo institucional de Demétrio, imposto pela situação real, além da inveja que o bispo adquirira de Orígenes quanto a sua reputação celebrada por todo o mundo, por exemplo, a estadia do alexandrino em Antioquia (231-232) próximo a Júlia Manaea, a mãe do imperador Alexandre Severo. Segundo Jakab (2001), na tentativa ou com o intuito de contra-atacar a influência dos ensinamentos gnósticos, Orígenes se distanciava da comunidade e se opunha terminantemente ao bispo Demétrio. No entanto, será o seu sucessor o bispo Denys, o Grande, que consolidará a instituição eclesiástica em Alexandria. É importante observar que, entre 233 e 249, o bispo Demétrio perseguiu Orígenes, o bispo Héraclas o expulsou de Alexandria, e, na época de Denys, o Grande, a popula-

ção de Alexandria descarregava seu ódio contra os romanos sobre os cristãos. Tempos muito conturbados para o cristianismo encontrar unidade, ratificar a tradição e manter a legitimidade do ponto de vista religioso e institucional dentro de uma metrópole em plena expansão.

Orígenes foi largamente autodidata, sua pregação pressupunha uma intensa meditação escritural, um tradutor exímio, um gramático militante que prezava pela retórica simples. Entusiasmado pela Grécia (pátria ideal de todo o humanismo), com o labor constante, sofrera com a maldade dos invejosos devido a sua popularidade como homem piedoso. Vivenciara uma árdua miséria, tinha terror aos suplícios, teve problemas na adolescência depois da morte de seu pai Leônidas, quando todos os bens da família foram confiscados pelo império. Eunuco, sacerdote, mestre na catequese de Alexandria, fora perseguido pelo episcopado de seu tempo, pois o que estava em jogo eram o controle e a normatização da fé contra todo o desvio doutrinal. Diante da inveja de muitos, Orígenes se retira de Alexandria e parte para o exílio em Cesareia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até os meados do século II d.C., os cristãos vivenciariam períodos de relativa paz, sem perseguições e doenças. Em 249, na época do Imperador Décio, o edito imperial determinava uma severa perseguição aos cristãos, prescrevendo a todos os habitantes do império manifestar sua piedade aos deuses participando de sacrifícios. Nessa ocasião, Orígenes foi aprisionado e torturado. Em 252, a peste no Egito, na África, na Grécia, na Ilíria. Em 250, a peste entra no Império Romano e dura mais de 20 anos. Em agosto de 257, sob o imperador Valeriano, as medidas imperiais não visavam mais, como se passou sob Décio, restringir a política dos cristãos, mas antes interromper a expansão do cristianismo. Fora um momento em que as fronteiras do Império Romano foram atacadas de todos os lados: pelos persas no Oriente; pelos bárbaros sobre o Rhin e o Danúbio; isso tudo somado à epidemia da peste e à crise financeira.

As restrições ao cristianismo por Valeriano eram uma maneira de conter os maus augúrios e dirimir a atmosfera angustiante e apocalíptica entre os próprios cristãos, que acreditavam que toda a desgraça que vivenciavam era o sinal do próximo retorno de Cristo. Só foi em 260, depois da morte de Valeriano, que seu filho Galeano colocaria um fim à perseguição dos cristãos. E finalmente, somente após a morte do bispo Denys, o Grande (265), que seguiu adiante com a tarefa de organizar a Escola de Catequese como instituição na formação do magistério sacerdotal, “o silêncio se instalava, e a paz voltava a reinar novamente para fazer parte da história do cristianismo na grande metrópole de Alexandria” (JAKAB, 2001, p. 255). Cidade onde a ciência da escola foi associada ao ma-

gistério do episcopado, e a teologia nascente adaptada à comunidade dos fiéis. Essa grande metrópole da antiguidade foi mais que apenas um espaço geográfico determinado, mas foi, sobretudo, um lugar em que acontecia o encontro de várias tendências, entre o Ocidente e o Oriente.

## ORIGEN AND CATECHESIS IN ALEXANDRIA: MARTYRDON AND PERSECUTIONS

**Abstract:** *the historical, political, cultural and religious panorama in the city of Alexandria, regarded [as] the great Mediterranean center in the ancient world, was in effervescence, with martyrdom and persecutions perpetrated by Roman Empire in order to maintain the political hegemony, religion, tradition and values. The cultural and religious formation of Origen and the Catechetical School of Alexandria, or Didascalium, which was under his supervision, contributed to the promulgation of Christianity in Alexandria, even under control of the Roman State.*

**Keywords:** *Origen. Catechetical School. Christianity. Alexandria. Roman Empire.*

### Nota

- 1 “Que imagem é mais semelhante que a nossa própria? Assim, como o modelado ama o modelo [...] ninguém ama a ambos, como a si mesmo numa outra imagem, embora sendo esta a mesma imagem, porém de modo diferente” (Tradução nossa).

### Referências

- CADIOU, RENÉ. *La jeunesse d'Origène: histoire de l'École d'Alexandrie au début du IIIe siècle*. Paris: G. Beauchesne et ses Fils, 1935.
- CROUZEL, H. *Origène et la philosophie*. Paris: Aubier, 1962.
- CROUZEL, H. *Théologie de l'image de Dieu chez Origène*. Paris: Aubier, 1956.
- CROUZEL, H. *Origène et Plotin: Comparaisons doctrinales*. Paris: Pierre Téqui, 1991.
- DANIELOU, J. *Origène: le génie du christianisme*. Paris: De la Table Ronde, 1948.
- EUSÈBE DE CÉSARÉE. *Histoire Ecclésiastique*. Tradução: Gustave Bardy. Paris: Du Cerf, 1955.
- GODIN, A. *Érasme lecteur d'Origène*. Genève: Librairie Droz, 1982.
- JAKAB, A. *Ecclesia Alexandrina: evolution sociale et institutionnelle du christianisme alexandrin (IIe e IIIe siècles)*. Bern: P. Lang. 2001.
- LUBAC, H. *Histoire et esprit. L'intelligence de l'Écriture d'après Origène*. Paris: Du Cerf, 2002.

LUBAC, H. *L'exégèse médiévale*. Les quatre sens de l'Écriture (Théologie, 41, 42, 59). Paris, 1959-1964. Vol. I e II.

ORIGENE. *Commento alla lettera ai Romani*. Introdução, tradução e notas de Francesca Cocchini. Casale Monferrato: Marietti, 1985.

ORIGÈNE. *Philocalie 21-27: Sur le libre arbitre*. Tradução: Éric Junod. Paris: Du Cerf, 1976.

SIMONETTI, M. *Origene esegeta e la sua tradizione*. Brescia: Morcelliana, 2004.

SIMONETTI, M. *Lettera e/o Allegoria*. Um contributo alla storia dell'exegesi patrística. Roma: Institutum Patristicum "Augustinianum", 1985.

SPANNEUT, M. *Le stoïcisme des pères de l'Église de Clément de Rome à Clément d'Alexandrie*. Paris: Du Seuil, 1957.

TERRACCIANO, P. *Omnia in figura: l'impronta di Origene tra '400 e '500*. Roma: Storia e letteratura, 2012.